

ESTUDO ZOOARQUEOLÓGICO DO CASTELO DE SALIR (LOULÉ)

DOMESTICAÇÃO VS. CAÇA NA ALIMENTAÇÃO ISLÂMICA

SORAIA MARTINS Museu Municipal de Loulé, soraiacm@gmail.com

RESUMO O presente trabalho é a análise faunística do Castelo de Salir. O sítio arqueológico localiza-se no distrito de Faro, concelho de Loulé, freguesia de Salir. As escavações no local iniciaram-se em 1987, dirigidas por Helena Catarino (1997/1998), para o projeto “Fortificações de taipa do Algarve: o Castelo de Salir (Loulé) e o Castelo de Paderne (Albufeira)”.

Na dissertação da signatária foi possível identificar as seguintes faunas: fauna malacológica, fauna mamalógica, avifauna, herpetofauna e peixes. Neste trabalho vão ser apresentados os dados relativos à fauna mamalógica e avifauna do período islâmico. O objetivo é perceber quais as espécies mais importantes para a alimentação e o peso da domesticação e da caça na dieta alimentar desta comunidade de período islâmico.

Dentro do grupo dos mamíferos, foi possível verificar a abundância dos caprinos e coelhos, observando de imediato a grande importância de espécies domésticas na dieta alimentar da população. Relativamente às espécies selvagens, mas em menor número, observa-se a presença maioritária do veado. Nas aves, o galo doméstico é a espécie com maior número de restos, seguido da perdiz, esta que é a espécie selvagem mais abundante. Nota-se claramente a grande importância que a domesticação tinha para a população islâmica do Castelo de Salir.

Ao comparar os dados obtidos para o castelo com os dados relativos a estudos faunísticos de outros sítios islâmicos em Portugal, observa-se uma grande semelhança das espécies encontradas. O sítio do Castelo de Salir assemelha-se aos restantes sítios islâmicos, onde predomina a domesticação.

PALAVRAS CHAVE Zooarqueologia, alimentação, Período Islâmico, caça, domesticação

ABSTRACT This work is the analysis of the faunal of Castelo de Salir. The archaeological site is located in the district of Faro, Loulé's municipality, parish of Salir. Excavations at the site began in 1987 coordinated by Helena Catarino (1997/98), in the project “Fortificações de taipa do Algarve: o Castelo de Salir (Loulé) e o Castelo de Paderne (Albufeira)”.

In the authors' master thesis were identified the following faunas: mollusks, mammals, birds, herpetofauna and fishes. In this work will be presented mammals and birds data of the Islamic period. The goal is to understand what were the most important species in alimentation and the weight of domestication and hunting in the diet of the Islamic community.

In the group of mammals, we found an abundance of goats and rabbits, observing immediately the great importance of these domestic species in their diet. In terms of the wildlife, although in smaller number, we see the majority presence of deer. In birds, the domestic chicken is the species with the most remains, followed by partridge, which is the most abundant wild species. It is clear the fundamental part that domestication had in the Muslim population of Castelo de Salir.

Comparing the data obtained in the castle with the data of faunal studies from other Islamic sites in Portugal, there is a great similarity of the species found. The site of Castelo de Salir is comparable to other Islamic sites, where prevail domestication.

KEYWORDS Zooarchaeology, feeding, Islamic Period, hunting, domestication

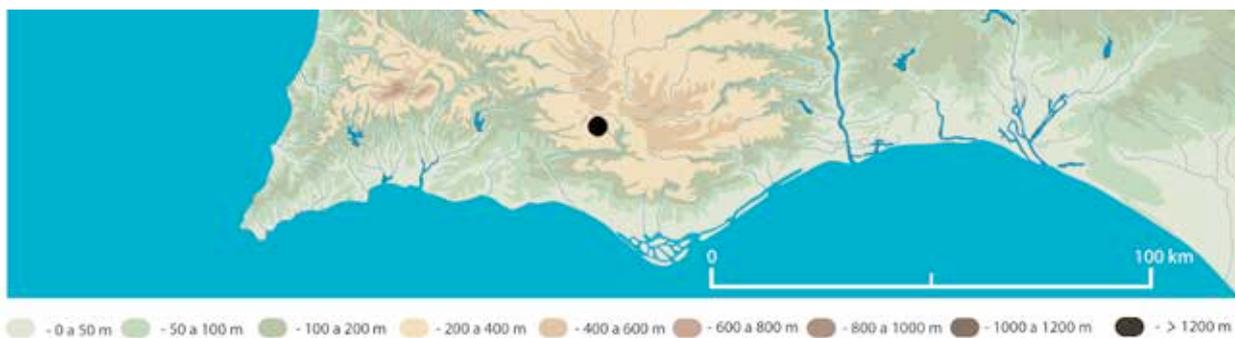
INTRODUÇÃO

CONTEXTO GEOGRÁFICO

Os materiais são originários de um dos mais importantes sítios islâmicos (de idade almóada) do Algarve. Situado em plena zona do Barrocal algarvio, o Castelo de Salir localiza-se na freguesia de Salir, concelho de Loulé, distrito de Faro. As suas coordenadas são: X- 5.84.7; Y- 41.22.4, e encontra-se assinalado na Carta Militar Portuguesa, 1:25000, folha n.º 588 (Catarino, 1997/1998, p. 453).

Salir encontra-se em pleno barrocal algarvio. Com uma população de cerca de 5 000 habitantes, é a maior freguesia do concelho de Loulé (200 km²). Conhecida pelas suas festas tradicionais e gastronomia, ela possui uma grande história local. Salir encontra-se a 13 km da cidade de Loulé, na Beira Serra, fazendo a transição entre o Barrocal e a Serra Algarvia, estabelecendo a ligação entre o Alentejo e o Algarve (figura 1).

Para situar a região em estudo, ela enquadra-se numa das principais formações geológicas em que a unidade geotectónica é a Bordadura Meridional (ou Orla Mesoceno-zóica, com uma idade entre os 240 e os 5 M.a.),



1. Mapa da região algarvia, com a freguesia de Salir em destaque.

essencialmente formada por rochas carbonatadas, ou seja, calcários, margas, dolomias, argilosas e areníticas com intercalações de rochas eruptivas, intrusivas e extrusivas.

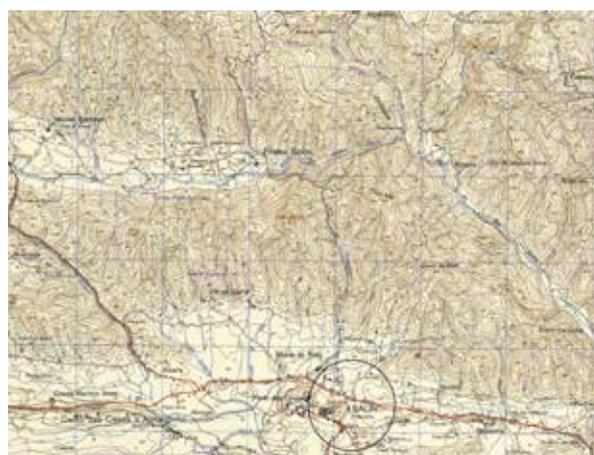
A litoral o relevo é plano, sem montes de grande altitude. Ao entrar na região do barrocal, surgem algumas zonas montanhosas não muito acentuadas. É exatamente nesta área que encontramos a freguesia de Salir, o início da Serra, ou seja, a “beira-serra”. Seguindo para norte, para a freguesia do Ameixial, as cadeias montanhosas intensificam-se, dando lugar à conhecida serra algarvia. É importante salientar que o local onde o castelo se encontra implantado é sensivelmente mais alto em relação às zonas adjacentes, permitindo uma melhor visibilidade da região, facilitando a sua defesa (figura 2).

Outro fator importante para a fixação de uma comunidade é a existência de água. Esta zona é conhecida pela sua rede hidrográfica, pois possui uma série de ribeiras que resultam da mineralização, da dissolução das rochas e das reações bioquímicas. Nesta zona a rede hidrográfica é marcada pela predominância do calcário na região, sendo a ribeira mais importante a do Algibre. A região ainda é conhecida pela água subterrânea, o conhecido aquífero de Silves-Querença, facultando a existência de uma série de poços, furos e noras, muitos de período islâmico. A existência desta água subterrânea permite abastecer uma vasta área e a sua população, possibilitando a existência de campos de cultivo e zonas de pastoreio (Carta de Recursos Aquíferos Subterrâneos, 1975 e Carta da Hidrografia Continental, principais bacias hidrográficas, 1989).

CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Ao longo dos seus séculos de atividade, o Castelo de Salir tinha como função a defesa da região. Durante todo o período em que ele se encontrou nas mãos dos árabes, sem dúvida que teria um papel importantíssimo na proteção do al-Andaluz. Este papel corrosivo deixou muitas marcas no local.

Com a instabilidade política dos reinos de taifa e as constantes investidas dos cristãos a sul no século XI, os muçulmanos decidem construir uma série de fortificações, sendo uma delas em Salir. Este sítio era claramente estratégico, visto que se encontrava numa zona de passagem, tanto de norte a sul, como de este



2. Carta Militar de Portugal n.º 588, com a freguesia de Salir em destaque (escala 1:25 000. Instituto Geográfico do Exército).

a oeste. Assim, e devido às novas técnicas de construção militares, surgiram novas muralhas almóadas de taipa: torres albarrãs, couraças e portas em cotovelo (Catarino, 1997/98, p. 608-610).

Durante a conquista por D. Paio Peres Correia (entre os anos de 1243/1244 e 1245/1246) o castelo foi alvo de destruições e incêndios que fizeram com que a população se dispersasse por toda a zona contígua (Catarino, 1997/98, p. 456). Depois da reconquista do Algarve, iniciou-se o processo de degradação do castelo. Com a ocorrência do terramoto de 1755, nas Memórias Paroquiais encontrasse o interrogatório realizado ao prior Manuel Soares Pinto sobre o estado da paróquia após a catástrofe (Catarino, 1997/98, p. 457). O terramoto destruiu o castelo “a N. O., a pouco mais de um tiro de espingarda do povo, que sofreu muito: caíram 40 casas e só morreu uma menina do peito” (Oliveira, 1998, p. 161-162).

O desgaste provocado pelos ataques constantes e incêndios, fizeram com que este chegasse a um grande estado de degradação. Todos estes acontecimentos puderam ser evidenciados nas escavações aqui realizadas. Infelizmente, tal como Helena Catarino refere na sua tese de doutoramento (Catarino, 1997/98, p. 457), hoje é impossível refazer o sítio, pois destes longos anos o que restou foram algumas muralhas que se encontram adjacentes a alguns edifícios, as quatro torres de taipa, de planta quadrangular, mas em muito mau estado de conservação.

INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Os trabalhos iniciaram-se em 1987 e tiveram lugar numa casa já em ruínas e no seu quintal, junto a uma das torres (posteriormente com o nome de torre albarrã). As primeiras campanhas tinham como objetivo definir o seguimento das muralhas e avaliar o seu estado de conservação na zona em frente à muralha albarrã; reconhecer os níveis arqueológicos; tentar descobrir quais as épocas de ocupação e de abandono na área a escavar, e a limpeza do local (remoção de árvores e estruturas da casa que restavam e que dificultavam a continuação das escavações). Mais tarde procedeu-se à limpeza dos materiais e seu restauro (Catarino, 1997/98, p. 459-460).

De acordo com os alinhamentos das casas, torres e muros escavados, o castelo teria uma planta poligonal irregular, de forma trapezoidal ou até pentagonal. Para além das quatro torres identificadas existiria pelo menos mais uma situada num ângulo a sudeste (em frente ao atual Bar Mouru). Seria esta a localização da porta principal do recinto fortificado (Catarino, 1997/98, p. 462).

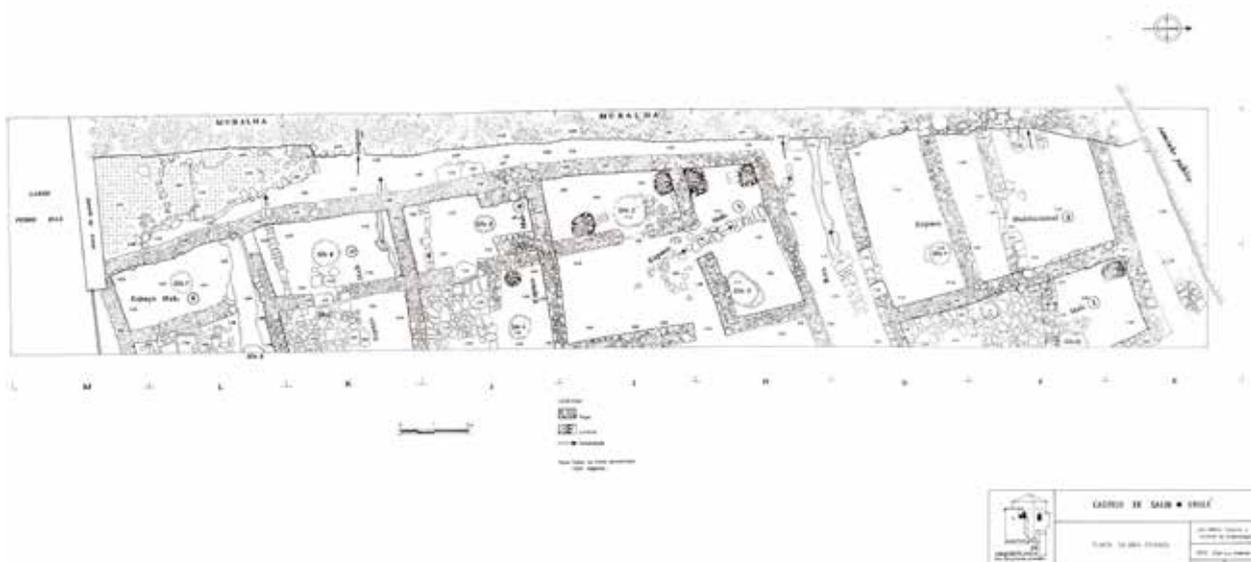
Em 1998 iniciou-se uma nova campanha, com a mesma estratégia de escavação, mas com o objetivo de acabar de escavar o quintal até ao portão, para iniciar o projeto de musealização do local, dirigido pelo Arq.º Mário Varella Gomes. Durante as várias campanhas foi possível verificar a existência de seis espaços habitacionais e 10 silos (Figura 3). Para além disso foi estudado material proveniente das banquetes e também do tramo da muralha. Assim, foi possível observar três níveis de ocupação: o início do período almorávida, com a presença da cerca amuralhada de pedra, alguns silos subterrâneos e habitações; a alcázar fortificada com casas, arruamentos e canalizações, e por fim o momento da Reconquista, onde se evidenciam os níveis de destruição e incêndios com a presença de pontas de lança e bestas.

METODOLOGIA UTILIZADA

O estudo dos materiais foi iniciado em 2009, para fins de uma análise preliminar no âmbito da disciplina de Zooarqueologia da signatária, do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Algarve. Para esta cadeira decidiu-se estudar somente o Silo 8, por motivos de tempo e por este ser um dos contextos com mais material. Ficou desde logo acordado que o restante material, juntamente com o Silo 8, seria objeto de estudo da dissertação de Mestrado da mesma.

É importante referir que foi possível identificar os seguintes tipos de faunas: fauna mamalógica; fauna malacológica; avifauna; ictiofauna; répteis e anfíbios. Esta heterogeneidade de materiais obrigou a uma deslocação realizada a Lisboa, para consulta da Coleção Osteológica de Referência do Laboratório de Arqueociências da Direção Geral do Património Cultural (LARC-DGPC). Com o material devidamente triado por classes de faunas, foram organizados três grandes grupos de desenvolver uma metodologia diferenciada: a fauna malacológica; a ictiofauna e restantes vertebrados (fauna mamalógica e outros).

Para o caso específico da fauna malacológica o material foi dividido por espécies, visto que esta coleção tinha uma variedade razoável de moluscos. Cada espécie foi pesada, sendo os resultados dados em gramas; de seguida fez-se a contagem do Número de Restos Determinados (NRD), e do Número Mínimo de Indivíduos (NMI) existente em cada grupo. No caso dos bivalves (que compõem a maioria da coleção), para quantificação do NMI foram contados os umbos de cada espécie, dividindo depois por dois. Para o caso dos peixes, não foi possível a identificação de todas as espécies presentes. A análise do material, composto por espinhas e vértebras, contou com a ajuda da investigadora do LARC-DGPC, Sónia Gabriel, o que permitiu algumas identificações.



3. Planta do sítio arqueológico (Catarino, 1999/2000).

Para a fauna mamalógica e restantes faunas procedeu-se à identificação do material tanto taxonómica como anatomicamente. Para organizar o material osteológico houve a necessidade de este ser separado em três classes de tamanho: animal pequeno, animal médio, animal grande. Depois de este estar devidamente separado e organizado, procedeu-se à sua análise taxonómica e anatómica. Quando essa atribuição taxonómica não foi possível (normalmente devido à fragmentação dos espécimes), atribuíram-se esses restos a classes de tamanho (animal pequeno, animal médio, animal grande) permitindo uma aproximação aos animais existentes. O restante grupo dos indeterminados é composto por ossos impossíveis de determinar taxonómica ou anatomicamente. Para a determinação anatómica dos ossos foi verificada a porção do osso (o que facilitou o cálculo final do NMI).

Foi ainda imprescindível verificar a idade do animal. Neste caso, o grau de fusão dos ossos, a verificação dos ossos no geral, e a análise dos dentes individuais, em especial as séries dentárias, aferir a presença e estado de uso dos dentes deciduais (dentes de leite) e o estágio de erupção dos dentes definitivos nos animais jovens, e o desgaste dos dentes definitivos quando o indivíduo já é adulto, foi muito importante para este trabalho.

Analisaram-se as alterações provocadas por agentes naturais e biológicos (marcas provocadas por raízes, compactação de sedimentos, mesmo em silos, ou pisoteamento por animais e/ou seres humanos); as alterações provocadas pelo Homem (marcas de corte, carbonização e dente) e as alterações provocadas por animais carnívoros e roedores (buracos provocados por caninos, principalmente nas epífises dos ossos longos, marcas de dentes de roedores)

Foram também utilizadas uma série de unidades quantitativas: Número de Restos (NR); Número Total de Restos (NTR); Número de Restos Determinados (NRD):

GRUPOS	M/M	ALM	ALMR	TOTAL	%
Moluscos	1925	1309	987	4221	30,9%
Peixe	204	204	209	617	4,5%
Réptil	1			1	0,0%
Anfíbio	5	7	39	51	0,4%
Aves	140	107	87	334	2,4%
Mamíferos	1097	961	426	2484	18,2%
Indeterminados	3077	1888	998	5963	43,6%
TOTAL	6449	4476	2746	13671	100

4. Número Total de Restos por grupos.

Restos Indeterminados (ND) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI) (Valente, 1997). Para além da análise feita ao conjunto do Castelo de Salir, procedeu-se, também, à análise métrica de alguns ossos e dentes.

Espécies	ALM	ALMR	TOTAL	%
AVIFAUNA				
<i>Aegypius monachus</i>	11		11	5,7%
<i>Tetrao tetrix</i>	2		2	1,0%
<i>Phasianidae</i>		31	31	16,0%
<i>Gallus gallus domesticus</i>	67	40	107	55,2%
<i>Alectoris</i>	19	14	33	17,0%
<i>Numida meleagris</i>	6	2	8	4,1%
<i>Grus grus</i>	1		1	0,5%
<i>Scolopax rusticola</i>	1		1	0,5%
TOTAL	107	87	194	100,0%
MAMÍFEROS				
<i>Sus sp.</i>	10	4	14	1,0%
<i>Cervus elaphus</i>	173	19	192	13,8%
<i>Capreolus capreolus</i>	1		1	0,1%
<i>Bos taurus</i>	74	2	76	5,5%
<i>Ovis/Capra</i>	367	223	590	42,5%
<i>Capra hircus</i>	12	21	33	2,4%
<i>Ovis aries</i>	9	28	37	2,7%
<i>Equus sp.</i>	6	1	7	0,5%
<i>Felis sp.</i>	14	54	68	4,9%
<i>Canis sp.</i>	26		26	1,9%
<i>Vulpes vulpes</i>	6		6	0,4%
<i>Martes foina</i>	4		4	0,3%
<i>Meles meles</i>	6	3	9	0,6%
<i>Genetta genetta</i>	22	4	26	1,9%
<i>Rattus rattus</i>	14		14	1,0%
<i>Mus domesticus</i>		1	1	0,1%
<i>Lepus europaeus</i>	2		2	0,1%
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	215	66	281	20,3%
TOTAL	961	426	1387	100,0%
TOTAL DE ESPÉCIES	1068	514	1581	

5. Mamíferos e aves de período islâmico no Castelo de Salir.

RESULTADOS OBTIDOS

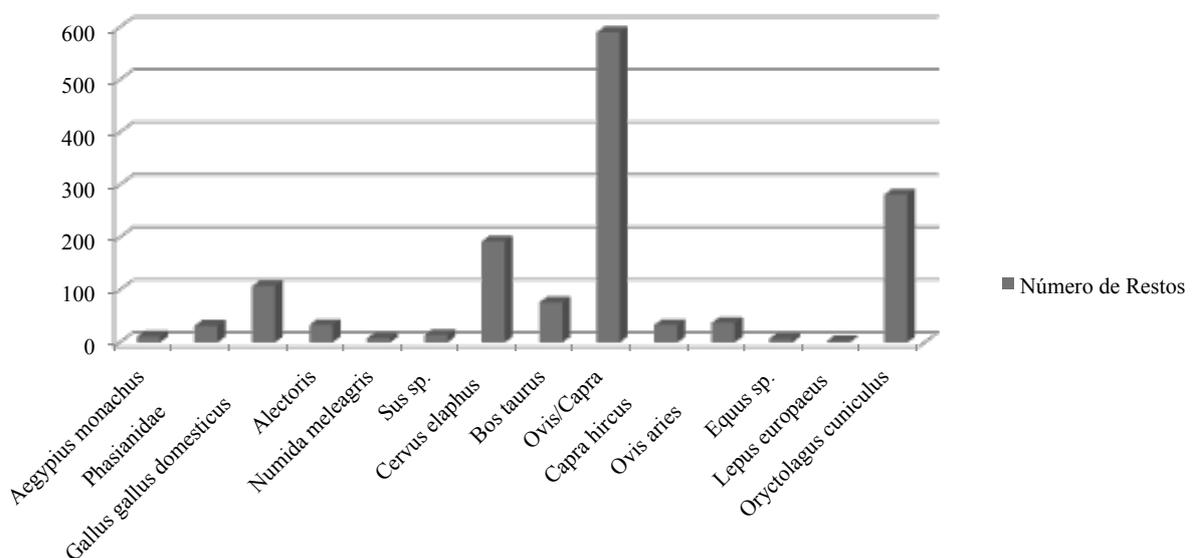
Com a análise da coleção faunística do Castelo de Salir, para a dissertação de Mestrado da signatária, foi possível, como já foi referido anteriormente, identificar seis grupos de faunas (figura 4), para os períodos Moderno e Medieval (M/M), Almóada (ALM) e Almorávida (ALMR). A figura 4 apresenta os dados relativos ao total da coleção faunística do Castelo de Salir e verifica-se de imediato a predominância do grupo dos moluscos, seguido do grupo dos mamíferos. Mas, para este trabalho vão ser somente mencionados os dados referentes ao grupo dos mamíferos e ao grupo das aves, de período islâmico (ALM e ALMR). O objetivo é perceber quais as espécies mais importantes para a alimentação e o peso da domesticação e da caça para esta população. A figura 5 mostra os dados referentes ao grupo das aves e ao grupo dos mamíferos do período islâmico do Castelo de Salir. Dentro do grupo das aves nota-se a predominância do galo doméstico, com 55,2% do total da amostra, seguido da perdiz, com 17%. Para este grupo nota-se a abundância de restos da espécie doméstica em comparação com a espécie selvagem. No caso dos mamíferos, os caprinos encontram-se em maioria. Com 42,5% os caprinos são as espécies preferidas para a alimentação. Segue-se o coelho, com 20,3% da amostra. Estes dados, ao comparar com outros de sítios islâmicos com trabalhos zooarqueológicos, provam a importância desta espécie para a dieta alimentar. A espécie selvagem melhor representada para os mamíferos é o veado. O veado apresenta 13,8% de restos no total da amostra. Claramente menos numeroso, esta espécie é a terceira mais abundante no grupo dos mamíferos. Haveria, assim, um menor interesse desta espécie para consumo alimentar.

O gráfico abaixo apresentado indica as espécies de aves e de mamíferos normalmente com maior número de restos e, possivelmente, as mais utilizadas para a alimentação. Mais uma vez, o objetivo é perceber, de um modo visual, quais as mais importantes na dieta alimentar. Nota-se claramente a abundância relativa dos caprinos seguidos do coelho. O veado é a terceira espécie mais abundante da amostra. O galo doméstico, apesar de menos numeroso em relação aos mamíferos, seria bastante consumido neste período. Relativamente ao número de restos das outras espécies, estas são em menor número, indicando a sua pouca importância para a alimentação.

Ao observar tanto o gráfico como os quadros pode-se verificar a importância das espécies domésticas para a alimentação em relação às espécies selvagens.

Com a análise maioritariamente das epífises dos ossos longos e dos dentes presentes na amostra, foi possível identificar a idade de grande parte dos indivíduos. Ao observar a figura 7 verifica-se que a maioria são adultos em todas as espécies. Para o caso do grupo das aves, o galo doméstico é a espécie com maior número de indivíduos, com 13 adultos e um jovem. Segue-se a perdiz com oito adultos. As restantes espécies são compostas maioritariamente por indivíduos adultos. Assim, pode-se verificar que estas espécies seriam maioritariamente consumidas em idade adulta, devido à sua pequena dimensão, podendo, assim, haver um maior aproveitamento cárnico.

Para o caso dos mamíferos mais uma vez o grupo dos caprinos apresenta um maior número de indivíduos. Os caprinos (dados em conjunto com *Ovis/Capra*, *Capra hircus* e *Ovis aries*) apresentam um total de 20 adultos e de 14 jovens. O coelho apresenta um total de 15 adultos e somente um jovem. Para o caso dos veados



6. Número de restos das espécies mais numerosas.

Espécies	ADULTO		JOVEM		TOTAL	
	ALM	ALMR	ALM	ALMR	ADULTO	JOVEM
AVES						
<i>Aegypius monachus</i>	1				1	
<i>Tetrao tetrax</i>	1				1	
<i>Phasianidae</i>		3		1	3	1
<i>Gallus gallus domesticus</i>	8	5		1	13	1
<i>Alectoris</i>	4	4			8	
<i>Numida meleagris</i>	2	1	1		3	1
<i>Grus grus</i>	1				1	
<i>Scolopax rusticola</i>	1				1	
TOTAL	18	13	1	2	31	3
MAMÍFEROS						
<i>Sus sp.</i>	2		2	1	2	3
<i>Cervus elaphus</i>	7	2	1	1	9	2
<i>Capreolus capreolus</i>	1				1	
<i>Bos taurus</i>	4			1	4	1
<i>Ovis/Capra</i>	8	3	7	3	11	10
<i>Capra hircus</i>	3	1	1	1	4	2
<i>Ovis aries</i>	2	3	1	1	5	2
<i>Equus sp.</i>	1	1	1		2	1
<i>Felis sp.</i>	2	2	1	3	4	4
<i>Canis sp.</i>	2				2	
<i>Vulpes vulpes</i>	3				3	
<i>Martes foina</i>	1				1	
<i>Meles meles</i>	1				1	
<i>Genetta genetta</i>	3	2	1		5	1
<i>Rattus rattus</i>	2				2	
<i>Mus domesticus</i>		1			1	
<i>Lepus europaeus</i>	1				1	
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	8	7	1		15	1
TOTAL	51	22	16	11	73	27
TOTAL DE INDIVÍDUOS					104	30

7. Número Mínimo de Indivíduos.

estes apresentam um total de nove adultos e de dois jovens. Ao observar as restantes espécies, estas apresentam maioritariamente indivíduos adultos.

A figura 8 apresenta os dados relativos às marcas identificadas nos ossos. Como já foi referido anteriormente, as marcas são maioritariamente as de corte, de dente e de carbonização. Esta análise é muito importante pois permite-nos identificar quais as espécies utilizadas para a alimentação.

As marcas de corte (provocadas por facas, cutelos, etc.) são as mais abundantes e ao observar o quadro nota-se uma maior concentração destas marcas no grupo dos caprinos, com 143 restos. De seguida verifica-se o veado com 44 restos identificados, provando que esta espécie seria, sem dúvida, consumida pelo Homem. Relativamente às restantes espécies, principalmente as aves, as marcas de corte são vestigiais.

Para o caso das marcas provocadas por dentes, maioritariamente as provocadas por animais comensais, estas encontram-se em maior número, mais uma vez, no grupo dos caprinos, com 18 restos identificados. O boi apresenta 4 restos identificados, enquanto nas restantes espécies estas marcas são quase inexistentes. Relativamente às marcas de carbonização, maioritariamente provocadas aquando do contacto direto do osso com o fogo, estas incidem, novamente, sobre os caprinos (68 restos). Para o coelho identificaram-se cinco restos com estas marcas. A maioria das restantes espécies não foi identificada nenhuma marca de carbonização. Ao analisar as marcas presentes nos ossos pode-se verificar que são os caprinos aqueles que concentram um maior número de restos com várias marcas. Comprova-se, assim, a importância desta na alimentação islâmica, comparativamente às restantes espécies.

CONCLUSÃO

Ao analisar a coleção faunística do Castelo de Salir, foi possível verificar a grande importância deste local durante o período islâmico. A grande quantidade de restos e a grande heterogeneidade de espécies que esta coleção permitiu identificar e analisar possibilitou o aparecimento de uma série de questões, principalmente sobre a dieta alimentar. Para este trabalho em específico, em que o grande objetivo seria verificar a importância da domesticação e da caça na alimentação desta comunidade, o estudo desta amostra possibilitou chegar a algumas conclusões. Visto que o objetivo seria verificar o peso da domesticação e da caça, foram somente referidos os dados relativos aos mamíferos e às aves.

Para o caso dos mamíferos desde logo se verificou a presença de um grande número de restos de caprinos, o que, ao comparar com outros sítios islâmicos com estudos zooarqueológicos, vem ao encontro do tipo de alimentação que estas populações teriam. A presença abundante destas espécies vem comprovar que as populações islâmicas teriam preferência pelos animais domésticos. Também é importante referir a presença do grande número de indivíduos jovens de caprinos. A razão para esta situação explica-se pelo facto de as populações islâmicas preferirem carnes mais tenras, ou seja, animais jovens, ao contrário da população cristã que preferia carnes mais rijas, ou seja, animais mais velhos.

O mesmo se pode referir para o caso dos coelhos. Esta é a segunda espécie melhor representada na amostra. A maioria dos indivíduos são adultos pois seria mais vantajoso consumir esta espécie em idade adulta pelo aproveitamento cárnico, pois sendo já um animal de pequenas dimensões não seria compensatório consumi-lo jovem.

Espécies	CORTE		DENTE		CARBONIZAÇÃO		TOTAL		
	ALM	ALMR	ALM	ALMR	ALM	ALMR	CORTE	DENTE	CARBONIZAÇÃO
<i>Phasianidae</i>		1					1		
<i>Gallus gallus domesticus</i>	4		1				4	1	
<i>Grus grus</i>	1						1		
TOTAL	5	1	1				6	1	
MAMÍFEROS									
<i>Sus sp.</i>	5		1		1		5	1	1
<i>Cervus elaphus</i>	41	3			1		44		1
<i>Bos taurus</i>	23	26	4				49	4	
<i>Ovis/Capra</i>	100	43	10	8	18	50	143	18	68
<i>Equus sp.</i>	2						2		
<i>F. sylvestris/F. catus</i>	2	1					3		
<i>Vulpes vulpes</i>	3						3		
<i>Meles meles</i>		1					1		
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	18	3	2	2	2	3	21	4	5
TOTAL	194	77	17	10	22	53	271	27	75
TOTAL	199	78	18	10	22	53	277	28	75

8. Alterações presentes nos ossos.

O veado é a espécie selvagem melhor representada na coleção. Como fortificação, o castelo teria como habitantes um grande número de militares. Estes grupos teriam como uma das atividades preferidas a cinegética. O hábito de caçar seria comum neste tipo de locais e a caça de veado para consumo seria habitual. Relativamente ao grupo das aves o galo doméstico é a mais numerosa, mas não tanto quanto os caprinos. Seria uma espécie bastante utilizada para consumo, e ao analisar alguns receituários, seria bastante utilizado em várias receitas. Para além da carne, o ovo seria também um produto muito consumido neste período. A perdiz é a espécie de aves selvagens mais consumida, sendo esta a segunda espécie de aves mais numerosa. Sobre as restantes espécies, estas encontram-se em menor número, sendo que algumas raramente teriam

alguma importância para a alimentação. Muitas delas são vestigiais, animais comensais e de companhia, como o gato e o cão, e algumas possíveis intrusões no sítio arqueológico.

Assim, pode-se concluir que a grande preferência caía sobre as espécies domésticas, principalmente os caprinos e coelhos. Estas populações tinham como hábito a pastorícia e também a posse de animais em cativeiro. Poderiam em alguns casos servir-se da caça, mas em menor número. Neste caso o veado seria a espécie preferida.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento à professora Maria João Valente e às arqueólogas da Câmara Municipal de Loulé, Isabel Luzia e Alexandra Pires.

BIBLIOGRAFIA

CATARINO, H. (1997/1998) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica – povoamento e recintos fortificados*. 3 Vols. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé (Al-'ulyã, 6).

CATARINO, H. (1999/2000) – Castelo de Salir: escavações da campanha de 1998. *Al-'Ulyã*, 7, p. 77-128.

Folha 588 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:25 000 (1978). Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

PARADELA, P. (1989) – *Carta da Hidrografia Continental –*

Principais bacias hidrográficas. In *Atlas do Ambiente*. Lisboa: Direcção-Geral dos Recursos Naturais.

PARADELA, P. (1975) – *Carta dos Recursos Aquíferos – Produtividade*, escala 1:1 000 000. In *Atlas do Ambiente*. Lisboa: Direcção de Saneamento Básico.

OLIVEIRA, A. (1998) – *Monografia do Concelho de Loulé*. Loulé: Algarve em Foco.